

O Jornalismo entre História e Ficção¹

Leticia Cantarela MATHEUS²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O artigo trata de fronteiras e aproximações entre jornalismo e ficção, tomando como referência uma experiência de mistura proposital entre as duas dimensões: o programa da CBN chamado “Rádio Sucupira”. O boletim jornalístico promove uma paródia da realidade política com a telenovela “O Bem Amado”, que foi ao ar pela TV Globo nos anos 1970, acrescentando informação e promovendo leituras criativas sobre a atual realidade brasileira. O trabalho recorre às reflexões de Hayden White, Paul Ricoeur e Luiz Costa Lima sobre a formação do discurso historiográfico, como parâmetro para entender o *status* representacional do discurso jornalístico. Discute também a dimensão ficcional implicada nos jogos de leitura de uma parte do conteúdo jornalístico, ou em diálogo com ele, em circulação nas mídias.

Palavras-chave: jornalismo; historiografia; ficção

Introdução

Gostaria de pensar a relação entre realidade e ficção no jornalismo a partir da abordagem desse mesmo problema pela teoria do discurso historiográfico e pela teoria do discurso literário. Para lidar com essas tradições, trazemos contribuições de White (2008) e de Ricoeur (2000), para tocar na primeira vertente, e da Estética da Recepção, de Iser (2013) e de Costa Lima (1980 e 2006), para cuidar da segunda. Partimos do pressuposto que as reflexões sobre a formação discursiva na História servem de parâmetro para questões semelhantes que a Comunicação pode lançar ao jornalismo, devido a sua referência à realidade e seu ofício de busca pela verdade. Haveria outras importantes contribuições do campo da História para o jornalismo a serem discutidas, como a tensão com um parâmetro científico derivado das chamadas ciências duras e como o estatuto pejorativo que a forma narrativa adquire em determinados momentos, por uma série de fatores que não vamos explorar agora.

Longe de considerar uma separação ontológica entre ficção e realidade em qualquer dimensão do cotidiano, muito menos dentro do jornalismo, o objetivo é pensar pontos de contato, gradações, variações e empréstimos estéticos entre diferentes formas de fingimento (ISER, 2013) no jornalismo ou que o imitam. Esses pontos de contato podem ir desde a simples fraude, passando pelas paródias com intenção lúdica – cada vez mais numerosas na Internet -, até uma forma imprecisa de percepção da realidade a partir do consumo de um

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora de Comunicação da Uerj, e-mail: leticia_matheus@yahoo.com.br

noticiário que mais confunde do que esclarece, o que não deixa de ser uma forma de irrealização dos acontecimentos.

Segundo Costa Lima (2006, p. 24 e p. 26), "a realidade é constituída de regras diferenciadas que comandam nossa relação com os territórios componentes" de uma espécie de zona de transição e "o cotidiano abriga uma plethora de subestilos". Os modos de fingimento aos quais nos referimos podem ser como o famoso caso de Janet Cooke, vencedora do Pulitzer de Melhor Feature de 1981, com a tocante história de Jimmy, um garoto de 8 anos viciado em heroína, que estava mais para lenda urbana do que para personagem real. A repórter acabou admitindo que nunca o conhecera de verdade e devolveu o prêmio. Esse não foi caso isolado. Há inúmeros escândalos recentes envolvendo jornalistas que inventaram suas reportagens. Casos assim relevam que o autor transgrediu normas de trabalho que garantiam que aquela história pudesse ser considerada jornalística.

Os fingimentos podem ser também como os sites "Sensacionalista" e "Kibeloko", dedicados ou a notícias falsas ou a paródias de notícias verdadeiras. Há também perfis de paródia no Facebook como Falha de S. Paulo e Ruth Sheherazade, a irmã boa da Rachel, jornalista do SBT.¹ Quem acompanha esse conteúdo evidentemente sabe se tratar de piada, o que não evita eventuais conflitos com leitores que não entendem ironia. Esses casos não parecem se configurar em fraude, como no primeiro exemplo. São brincadeiras que diferem da calúnia e também da inserção de notícias falsas em sites oficiais de notícia, de bancos e de órgãos de Estado por ciberativistas.

Mas gostaria de tratar, neste artigo, de uma experiência específica que não tem por objetivo promover o engano deliberado mas jogar com a ficção, com a finalidade de promover a releitura do próprio noticiário: a "Rádio Sucupira", da CBN. Esse jogo pode ser entendido aqui como um movimento lúdico entre o denotado e o conotado e é seguindo essa pista que vamos analisar três edições do programa.

Aproximações entre realidade e ficção

Preocupado com o discurso literário, Iser (2013) defende que a obra ficcional, enquanto fingida, mantém laços com o real através do imaginário. Embora não possua compromisso com o real, a ficção ajuda a entendê-lo e a simbolizá-lo na medida em que o submete a uma perspectiva particular. Por isso, podemos dizer que ela é também forma de conhecimento. Isso não significa que não sejamos capazes de distinguir entre as duas dimensões, exceto no delírio. Entretanto, as formas com que se apresentam suas diferenças variam historicamente.

Costa Lima (1980) descreve um histórico das formas *miméticas*, desde o mito, passando pela poesia e pelo teatro e sua desqualificação por Platão frente à filosofia, até o surgimento do parâmetro histórico, ainda pré-científico e, podemos acrescentar finalmente o científico. Isso significa que, posta numa perspectiva histórica, a verdade não é prerrogativa da ciência, pois várias outras formas discursivas já tiveram a função de dizê-la, como hoje cabe também ao jornalismo. É somente por uma escala de verdade que as formas realistas se encontram em posição privilegiada numa hierarquia representacional.

O autor investiga a *mimesis* a partir da clássica oposição entre Platão e Aristóteles. Para o primeiro, a *mimese* se identifica com a ficção, que, para ele, seria o próprio *não-ser*, enquanto que, para Aristóteles, a *mimesis* seria mais ampla. Ela poderia ser aceita como imitação, num sentido positivo, isto é, um análogo da realidade que é estabelecido a partir do estoque de conhecimento prévio tanto do produtor quanto do receptor. Para ele, a definição de Aristóteles estaria muito mais próxima a um sentido de mediação, de "presentificação do saber". (ID. *IBID.*, p. 49)

Uma grande vantagem em poder observar à distância os debates da teoria literária, entre inúmeras outras contribuições desse campo, é perceber que, nela, incomoda o quanto uma obra pode ter de imitação, num sentido negativo, pois o que tem valor é justamente o contrário, a invenção ou a criação poética. Portanto, as argumentações são todas no sentido de tentar "salvar" a *mimesis* de sua possível redução à simples ideia de reprodução, o que poderia ser perfeitamente elogioso em outros campos discursivos, como o jornalístico ou o historiográfico, por exemplo, preocupados com a fidelidade aos fatos.

Da História, a contribuição vem justamente no sentido inverso, a partir de reflexões sobre o caráter ficcional do discurso historiográfico, que aí encontra aproximação com o jornalístico. Portanto, o que está implicado na relação entre jornalismo, história e ficção é o interesse pela formação de consciência por meio de operações comunicacionais.

O jornalismo se encontra filiado a uma linhagem realista, assim como a historiografia. Porém, a História admite que trabalha com a imaginação, na medida em que precisa preencher lacunas entre o passado e o presente. Seu parentesco com o trabalho poético se encontra no fato de que "o significado dos acontecimentos não provém das fontes, mas de uma construção interpretativa" (MELLO, 2014, p. 193) do historiador, evidenciada na própria elaboração narrativa. Assim como no jornalismo, dados factuais não adquirem sozinhos significado se não estiverem ordenados numa composição narrativa (não importa gênero ou formato), entendendo, obviamente, que narrativa não é sinônimo de cronologia.

O significado de uma obra historiográfica para Hayden White é resultado de mecanismos linguísticos. Sua teoria mais polêmica é ter criado uma tipologia narrativa segundo a qual os historiadores montam preferencialmente suas argumentações (ou seus enredos). Elas seriam descritas ou pela metáfora, ou pela metonímia, ou pela sinédoque ou ainda pela ironia, cada qual correspondendo a uma estratégia política do historiador autor da obra. (WHITE, 2008) Apesar de essa sistematização poder ser altamente questionada, sua contribuição foi dar a ver que há semelhanças entre história e literatura, possuindo ambas dimensão ficcional. "As narrativas históricas são ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventadas quando descobertas." (WHITE, 1974, p. 98, *apud.* MELLO, 2014, p, 182) As obras dos historiadores "são traduções do fato em ficções." (MELLO, 2014, p. 182)

O ponto nodal desse embate reside no modo como White utiliza o termo ficção. Diferentemente do uso corrente, ele não entende ficção como algo oposto ao fato, sendo aquele fruto da imaginação e este da realidade. White parece usar ficção em seu sentido latino, como elemento que ordena informações dispersas em um todo com coerência interna. *Ficção (fictio)*, dessa perspectiva, *é o processo de figuração que cria significado aos eventos, sejam eles históricos ou não, sejam eles verídicos ou imaginados.* Por isso, para ele, a historiografia é, também um discurso ficcional. (*ID.* *IBID.*, 2014, p. 183, grifo original)

A figuração aparece nessa interpretação como algo bem parecido à composição da intriga em Ricoeur (1994). O filósofo francês investiga a produção de sentido em diferentes *mimesis*, que ele adota como narrativa, porém com uma amplitude mais radicalizada que nos autores anteriores. Para ele, a literatura teria sido, por exemplo, objeto empobrecido pela investigação tradicional da semiótica na medida em que ela procurava o sentido interno da obra, como se lá só houvesse operação de referência conotada. Segundo essa ótica, a função referencial da literatura sobre a realidade seria suspensa. Do mesmo modo, durante muito tempo, o historiador não foi capaz de ver na literatura fonte historiográfica, pois supostamente ali não havia nenhuma relação de denotação. A arte estaria assim condenada ao prazer estético, aos sentidos, sem nenhuma pertinência às coisas do mundo material. De modo análogo, porém inverso, o discurso da ciência seria pura denotação. (RICOEUR, 2000a) O comunicólogo, igualmente, não parece se permitir enxergar a relação entre ficção/entretenimento e jornalismo/documentário, par onde em tese só deveria haver denotação.

Uma constante preocupação de Ricoeur (*IBID.*) é com a integração entre uma perspectiva linguística e uma perspectiva significativa, resolvendo a angústia sobre a suposta falta de referência no exercício poético. Nem o sentido é imanente a uma obra nem é

independente de suas conexões internas. É preciso compreender esses dois planos do discurso a partir da dialética entre o linguístico e o extralinguístico. E, para Ricoeur (*OP. CIT.*), o extralinguístico não se encontra apenas na fonte discursiva, mas também no momento em que o texto volta ao mundo, quando ele chega à interpretação e à apropriação.

O autor ajuda a escapar do sentido como ordem interna da estrutura e a se voltar a uma nova referência, que é a ligação do texto com o mundo. Ainda que a função referencial seja primordial em alguns tipos de discurso, como o jornalístico, essa referência está, para Ricoeur, em outro lugar que não na "origem" discursiva. Essa inversão ajuda a pensar nos usos e nas apropriações discursivas, não exclusivamente nas suas condições de produção. A referência, para Ricoeur (*OP. CIT.*), está no mundo que o texto projeta, não naquele que ele supostamente representa. Referir seria aplicar as palavras à realidade, não extraí-la de uma realidade primeira, original, representada fielmente ou não. Com isso, é possível mais uma vez perceber as zonas de trânsito entre realidade e ficção.

Segundo Ricoeur (2000b), a ficção não corresponde à abolição da referência. O discurso não deixa de ser sobre alguma coisa. Os textos poéticos ainda falam do mundo. O que ocorre é que:

O apagamento da referência ostensiva e descritiva liberta um poder de referência para aspectos do nosso ser-no-mundo que não se podem dizer de um modo descritivo direto, mas só por alusão, graças aos valores referenciais das expressões metafóricas e, em geral, simbólicas. (*ID. IBID.*, p. 48)

Assim, recursos ficcionais, como a metáfora, podem ampliar a perspectiva sobre o mundo, às vezes muito mais, onde os textos de referência ostensiva não funcionam tão bem, e, paradoxalmente, libertam uma potência referencial.

Para mim, o mundo é o conjunto das referências desvendadas por todo o tipo de texto, descritivo ou poético, que li, compreendi e amei. E compreender um texto é interpolar, entre os predicados da nossa situação, todas as significações que constituem um mundo a partir de nosso ambiente social. É este alargamento do nosso horizonte de existência que nos permite falar das referências descortinadas pelo texto ou do mundo aberto pelas exigências referenciais da maior parte dos textos. (*OP. CIT.*, p. 49)

A metáfora é uma estrutura de duplo sentido cuja primeira interpretação esclarece a segunda. Existe um sentido literal e outro figurado (ou um explícito e outro implícito), um denotado outro conotado. A significação global da metáfora dependerá da relação entre as duas significações implicadas. Ricoeur explica que a metáfora é um tipo de designação que usa o nome de uma coisa para outra, cuja interpretação (decodificação) dependerá de um método comparativo. Na prática, são dois territórios linguísticos que ampliam o sentido do

discurso não por mera substituição de termos por semelhança mas por substituição criativa, segundo a qual a tensão entre esses dois campos semânticos faz emergir outros sentidos. (*OP. CIT.*, p. 61)

Mas é preciso deixar claro que essa tensão não é entre dois termos de uma enunciação mas entre duas interpretações. Assim, a metáfora não existe em si mesma como simples composição poética, mas somente numa e por uma operação heurística. Graças a essa operação metafórica, é possível produzir sentido onde uma leitura literal seria absurda. O que seria uma impertinência semântica, se o texto fosse lido ao pé da letra, resulta numa torção metafórica entre interpretações com um longínquo parentesco improvável. Assim, como diria Iser, a realidade pode ser posta em perspectiva, ou segundo Costa Lima, entre parênteses. Podemos dizer que essa nova angulação da realidade pela ficção, ou se preferir, sua ficcionalização pela metáfora, permite uma visão crítica diferente.

Segundo Ricoeur (*OP. CIT.*), a metáfora é um tipo de inovação semântica de onde emergem novos significados que não se encontram em dicionários, como sinônimos. São metáforas vivas operadas somente no uso da linguagem. O conceito dele de metáfora é, portanto, puro uso, só existe no uso e só faz sentido na ação de usar. Como acontecimento do discurso, a metáfora revela correlações inauditas sobre a realidade.

As metáforas genuínas não se podem traduzir. Só as metáforas de substituição são susceptíveis de uma tradução, que poderia restaurar o sentido literal. As metáforas de tensão não são traduzíveis, porque criam o seu sentido. Isto não é dizer que não se possam parafrasear, mas apenas que uma tal parafrase é infinita, incapaz de exaurir o sentido inovador. A metáfora não é um ornamento do discurso. Tem mais do que um valor emotivo, porque oferece uma nova informação. Em suma, uma metáfora diz-nos algo de novo acerca da realidade. (*OP. CIT.*, p. 64)

Ricoeur radicaliza e aplica a teoria metafórica ao conhecimento científico, assumindo que ela possui sim função referencial, não apenas ornamental, possuindo referência enquanto pretensão a dizer algo acerca da realidade.

A Rádio Sucupira

A “Rádio Sucupira” é um boletim semanal, com duração em torno de 3 minutos, que vai ao ar às sextas-feiras na Rádio CBN² em rede nacional, pouco antes das 9h30. Desde 2005, quando criado, já foram veiculadas centenas de edições, no encerramento do Jornal da CBN, com apresentação de Milton Jung. Tornou-se rapidamente um dos maiores sucessos de audiência da emissora, com mais de 141 mil ouvintes por minuto. Em um mês, foram contabilizados mais de 758 mil ouvintes naquela faixa de horário, segundo dados do Ibope

referentes ao mês de maio e obtidos nas quatro praças do Sistema Globo de Rádio, ao qual emissora é vinculada (Belo Horizonte, Grande Rio, Grande São Paulo e Distrito Federal).³

Inicialmente, chamava-se “Bandinha”, em referência ao LP da trilha sonora “Bandinha de Sucupira”. O boletim se caracteriza como um comentário sobre o principal tema da semana e costuma privilegiar a política, embora também possa abordar questões comportamentais e outras. Mas seu grande diferencial em relação a outros espaços jornalísticos é que o comentarista é Odorico Paraguaçu, o personagem fictício da telenovela “O Bem-Amado”.

O texto é montado exclusivamente por meio de sonoras preexistentes, seja do noticiário da semana, seja de trechos extraídos da novela, exibida na TV Globo em 1973. Feita por Edmilson Fernandes e Cláudio Antônio, a edição mescla as sonoras mais significativas do noticiário político da semana, formando uma síntese entre realidade e ficção. Mais do que uma paródia, a “Rádio Sucupira” é metáfora da própria CBN. Ao lembrar a Rádio Difusora Sucupira, “aquela que não erra na mira”, como dizia o *slogan*, a CBN traz para seu universo semântico o referencial da telenovela, promovendo torção de sentidos, entre o conotado e o denotado. Assim como na trama original, Sucupira se confunde com o Brasil. Tendo a mais alta audiência da rádio, o boletim transita entre o jornalístico e o ficcional para proporcionar uma terceira forma de *mimese* que, na sua dimensão lúdica, ajuda o ouvinte a compreender os acontecimentos da realidade.

“O Bem-Amado” foi ao ar de janeiro a outubro de 1973, no horário das 22h. (DICIONÁRIO DA TV GLOBO, 2003, pp. 39-40) Em plena ditadura militar, a trama escrita por Dias Gomes chegou a sofrer censura. No meio da novela, o coronel Odorico Paraguaçu, interpretado por Paulo Gracindo, teve que passar a ser chamado de prefeito, nomeação que, evidentemente, não traduzia a dimensão do ele representava, como arquétipo do coronelismo no Brasil. Recentemente, com a aposentaria do senador e ex-presidente José Sarney, o tema do “coronel” seria especificamente contemplado, mas essa edição não será analisada aqui.

Na trama original, o capanga de Odorico, Zeca Diabo, interpretado por Lima Duarte, também teve que deixar de ser referido como capitão. O enredo central girava em torno da vida política de Sucupira, onde Odorico se elegera com a promessa de construir o cemitério da cidade. O problema é que ele não conseguia inaugurá-lo, pois ninguém morria. Para resolver o problema e fazer crescer sua popularidade, Odorico contrata o matador Zeca Diabo. A ironia está em que ele próprio é morto, conseguindo finalmente inaugurar o cemitério.

A trama central é atravessada por falcas e mazelas do universo político brasileiro. Dias Gomes fez Odorico uma fonte inesgotável de bordões, como “Para frente, Sucupira!”, escolhido para abrir o boletim noticioso. Juntamente com os bordões, os diálogos entre

Odorico e outros personagens, principalmente com Dirceu Borboleta (Emiliano Queiroz), entram no boletim da CBN como mecanismo para comentar as notícias da semana. A trilha sonora original da telenovela também tem papel fundamental no apagamento das fronteiras entre realidade e ficção. Inclusive o “carimbo”, “Pra frente, Sucupira!”, foi tirado da trilha sonora. A CBN extrai o áudio diretamente do material de arquivo da novela, emprestado pelo Centro de Documentação da TV Globo.

A associação entre realismo e ficção no jornalismo é antiga. Desde os folhetins, com temas inspirados no noticiário, até o jornalismo literário, passando chamado pelo jornalismo Gonzo, as fronteiras entre a denotação e a conotação são transgredidas nas narrativas jornalísticas diariamente. Esse é apenas mais um exemplo que evidencia não apenas a impertinência da tese da fronteira para a compreensão dos processos de significação da realidade, como chama a atenção para a proficuidade das misturas.

Para criar Odorico, o próprio Dias Gomes já tinha se baseado num personagem real do Espírito Santo, cuja plataforma eleitoral era mesmo a criação do cemitério municipal. Isto é, a piada real se torna ainda mais engraçada diante de sua ficcionalização, que não deve ser entendida como um enfraquecimento da crítica, mas sua acentuação pelo ridículo que expõe.

Durante a exibição da novela, também houve referências ao então recente caso Watergate. Em entrevista à autora, o editor do programa, Edmilson Fernandes, contou que a ideia original surgiu entre a equipe do Jornal da CBN na época da eleição do deputado Severino Cavalcanti (PP) à presidência da Câmara federal, pois seus "discursos caricatos lembravam muito os do prefeito Odorico Paraguaçu." (FERNANDES, 03/05/2013)

Certamente, não é a crença numa verdade denotada o que torna o programa um sucesso. Ele depende de um pacto com o ouvinte, que é capaz de compreender e aceitar seus recursos – limitados – de verossimilhança, instaurando o *como se*. (ISER, 2013, pp. 42-52) Essa conexão se dá principalmente por recursos de edição, por associação entre algumas palavras que o ouvinte reconhece nas sonoras como chave de entendimento das críticas que estão sendo feitas e por recursos de memória, pois essas palavras-chave estiveram presentes no noticiário na semana precedente. Assim, o público se torna capaz de suspender a estranheza em ouvir a voz do ator já falecido Paulo Gracindo, num estranho sotaque e vocabulário repleto de neologismos irônicos e prolixos, no meio do noticiário de uma rádio *fullnews*. Outros recursos sonoros, como a vinheta e o carimbo "Para frente, Sucupira!", ajudam na imersão nessa atmosfera de fingimento fingido.

A edição leva em média duas horas. O trabalho consiste na seleção das principais sonoras da semana e na pesquisa sobre o que Odorico falou sobre aquele tema. O mais

incrível é que existem frases do personagem que se adequam a quase todos os temas da atualidade, algumas se encaixando perfeitamente.

A vinheta de abertura é feita com a música “O Bem-Amado”, de Toquinho e Vinícius de Moraes. Por mais inverossímil que pareça, Odorico possui frases que ilustram, comentam e explicam quase todas as declarações atrapalhadas das autoridades brasileiras. O resultado é surpreendente. Uma terceira interpretação é produzida a partir dessa metáfora entre o passado recente e presente tão arcaico do Brasil. A impertinência entre ficção e jornalismo talvez seja aí um elemento menor. O que mais impressiona é a convergência dos tempos históricos. Ao escutar a “Rádio Sucupira” na CBN, o ouvinte já não sabe a quem pertence cada fala e se está num presente irreal ou num passado da tradição política brasileira que nunca se foi. Ele entra num jogo de fingimento que o faz manter um pacto não somente entre ficção e realidade, mas entre presente e passado, entre presença e ausência.

A produção do programa parte do pressuposto que o público conhece os assuntos tratados. A maior parte dos ouvintes inclusive tomou ciência de declarações infelizes e notícias polêmicas durante a semana, pela própria CBN ou de qualquer outra forma (a comunicação contemporânea não parece exigir fidelidade à mídia x ou y), então, quando ouve as sonoras de Odorico, já as associa imediatamente à notícia original e estabelece uma nova leitura do acontecimento e do próprio contexto noticioso, como uma metalinguagem midiática. De certa forma, Odorico ajuda o ouvinte a interpretar sua realidade, a formar criativamente um sentido para os acontecimentos que o noticiário tradicional talvez não provocasse de modo tão rico. As frases de Odorico “escancaram determinadas declarações de políticos que ficam nas entrelinhas.” (FERNANDES, 2013) Essa releitura se perpetua em novas atualizações de sentido, como, por exemplo, em vídeos no YouTube, produzidos e postados pelos ouvintes-fãs da “Rádio Sucupira”. Os ouvintes “ficam indignados com os Odoricos de hoje, mas se divertem com o deboche. Alguns deles montam vídeos no YouTube com o quadro e ajudam a divulgar o nosso trabalho”, contou Edmilson.

Novamente a questão do riso, da brincadeira com a notícia e a desgraça política brasileira podem revelar formas mais ativas de lidar com o noticiário, como com a narrativa, o que vamos deixar para desenvolver em outra ocasião. Vejamos a seguir três boletins que foram ao ar nos dias 12 de abril, e 31 de maio de 2013, e o terceiro que foi ao ar em 11 de abril deste ano. Eles foram escolhidos pela atualidade dos temas.

O primeiro tratava da insistência da presidente Dilma Rousseff em negar o aumento crescente da inflação, o que, certamente será tema privilegiado da oposição nos debates eleitorais esse ano. O segundo falava dos gastos na construção de estádios para a Copa do

Mundo de futebol e foi selecionado por remeter ao terceiro, ainda sobre a organização da Copa. A teoria da metáfora de Ricoeur ajuda nessas análises.

Um recurso muito usado na edição dessas histórias é a fusão de uma sonora do personagem real sobre o qual se queira falar com uma sonora de Odorico, o que indica quem será o protagonista daquele boletim. A interpolação entre os personagens causa uma indissociação entre eles e se estabelece assim a coincidência narrativa entre os dois personagens. A partir daí, qualquer fala de Odorico passa a ser compreendida pela ouvinte como sendo de Marco Feliciano, Lula, Dilma, Pelé, Ronaldo, e tantos outros "alvos" do programa. Como diriam Ricoeur e Iser, instaura-se o reino do *como se*, isto é, o mundo do texto, segundo o qual é utilizado uma referência situacional, reproduzindo uma condição dialógica análoga à realidade. Portanto, o referencial não é a notícia representada, no sentido simples de reprodução, mas o conjunto possível de interpretações projetadas no mundo.

Na sexta-feira, dia 12 de abril de 2013, foi ao ar a edição “Inflação está morta”, na qual o alvo era a presidente Dilma. O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) havia subido 0,47% em março e superado o teto esperado para o acumulado de 12 meses. Então o programa começa com Odorico recebendo uma comissão de parlamentares:

Odorico - A que devo a honra de receber tão dignos e simpáticos representantes da tradicional família sucupirana?

Parlamentar - Nós estamos aqui representando a CCC.

Odorico - CCC? – pergunta Odorico.

Parlamentar - Comissão de Combate à Carestia.

Odorico - Ah.

Parlamentar - E viemos pedir ao Sr prefeito que tome providências enérgicas contra a alta desenfreada do custo de vida. Porque do jeito que as coisas vão muito em breve os pobres não terão o que comer. E vão morrer de fome. O senhor prefeito evidentemente não vai negar a inflação, vai?

Odorico - A inflação está morta!

Parlamentar - Mas morta como, se já passou de 100%?

Odorico - Isso foi pra trazmente, para frentemente é o que importa.

Nesse momento, o ouvinte imediatamente lembra de Dilma negando a inflação. Existe o fato denotado, que é o anúncio do índice do IPCA, mas existe também a interpretação acerca da teimosia de Dilma, insinuação recorrente na mídia. No caso de Sucupira, a inflação já tinha passado de 100% e o prefeito continuava negando. Além disso, as expressões de Odorico, para falar e não dizer nada, e seu cinismo remetiam a tantos personagens da tradição política brasileira. Entra em seguida uma entrevista com o ministro da Fazenda, Guido Mantega, feita naquela semana:

- O governo não vai poupar esforços para conter a inflação e impedir que ela se propague.
Novamente a vinheta: “Para frente, Sucupira!”

A vinheta entra em lugares improváveis nas narrativas e o ouvinte leva um susto, como se a ficção o fizesse acordar de um transe para a realidade. O *slogan* é obviamente uma alusão ao bordão político da década de 1970 “Para frente, Brasil.” Ou seja, quanto maior conhecimento geral, de cultura midiática e de cultura política, do público, mais amplo será o efeito da torção metafórica Sucupira-Brasil, pois mais ambiguidades e contradições em profundidade histórica vão sendo reveladas pela operação ficcional.

Repórter ficcional - Coronel, eu queria saber, é verdade que o senhor vai a Brasília propor um plano de aumento da inflação? – pergunta o repórter interpretado pelo ator Carlos Eduardo Dolabella. Odorico responde:

Odorico - Não somente o aumento da inflação como a manutenção da inflação até o ano 2000.

Dilma - Eu não concordo com políticas de combate à inflação que olhem para a questão da redução do crescimento econômico. Esse receituário que quer matar o doente em vez de curar a doença ele é complicado, você entende? Eu vou acabar com o crescimento no país?

Odorico - Nada de combater a inflação. Eu quero a inflação a 200%, 300%!
(RÁDIO SUCUPIRA, CBN, 12/04/2013)

O segundo programa foi ao ar no dia 31 de maio de 2013, tendo como tema a inauguração dos primeiros estádios para a Copa das Confederações, que houve em junho daquele ano, e para a Copa da FIFA em 2014. Começa a secretária de Odorico:

Secretária - Alguns vereadores estão apoiando a proposta. Eles estão querendo fazer o “Sucupirão”.

Odorico - Por que eles não vão fazer estádio no raio que o parta?

Corte seco para a sonora da Dilma:

- Um ano atrás diziam que nós não iríamos construir os estádios. Pois o que estamos vendo são estádios construídos e sendo entregues.

- Pra frente, Sucupira!

Volta para Dilma:

- É muito orgulho para nós sermos capazes de demonstrar ao mundo que temos um estádio dessas proporções, com essa qualidade.

Odorico - Eu tenho certeza que vai ser aprovada por todos os países do primeiro mundo, como talqualmente do segundo e acredito que até do terceiro mundo também.

Dilma - Não é qualquer país que tem essa qualidade e essa beleza nos seus estádios.

Odorico - É com a alma enxaguada na alegria e no orgulho que o povo sucupirano hoje se engalana a receber nesse gramado esverdecente o talentoso e valentoso time dos artistas.

Depois da frase “O Brasil vai dar uma grande lição ao mundo”, do ex-jogador de futebol Ronaldo Nazário de Lima, volta para Odorico:

- E aproveito a oportunidade para dizer dos principais da minha plataforma. Ponto um é fazer Sucupira atuar no campeonato nacional.

Dilma - Nós somos capazes de mostrar que o Brasil dará uma imensa qualidade à Copa das Confederações.

Ministro dos Esportes - O teste no Mané Garrincha ocorreu agora com o clássico de Santos e Flamengo onde nós vimos que não houve nenhum incidente.

Torcedor - Comprei uma cadeira que não existe; F33 F34 e só vai até F33. Tem um monte de gente como esse mesmo problema e ninguém consegue dar uma solução. Ninguém! Ninguém!

Odorico - Além desse considerando, eu devo aduzir que como estadista eu coloco o esporte entre os primeiros da minha administração.

Dilma - Nós somos capazes sim não só de ganhar o jogo dentro do campo como de ganhar o jogo fora do campo.

Odorico - Não esqueçam que o lema é dólar para frente, Odorico presidente! (RÁDIO SUCUPIRA, CBN, 31/05/2013)

Odorico aparece respondendo à crítica do torcedor, dizendo que apesar de eventuais falhas, o investimento, que seria supostamente no esporte, é mais importante. Ele aparece, portanto, como deboche, tentando neutralizar as críticas. Não só nessa edição mas em outras, a todo momento em que perguntas ficam sem respostas, Odorico aparece para instaurar dúvida nas respostas, fazendo revelar, como nesse caso por exemplo, que a Copa do Mundo nada tem a ver com investimento em esporte pelo esporte. Ele não precisa dizer isso, mas o ouvinte pode entender isso.

O nome "Sucupirão" também antecipa na ficção o que ocorria com a Arena Corinthians, nome oficial do novo estádio, um caso clássico de fracasso de *marketing* em tentar impor signos e símbolos que não encontram lugar no imaginário. Para desespero do Corinthians e a despeito de todo investimento, "Itaquerao", nome adotado pelo povo, acabou prevalecendo. O terceiro programa teve como título "Sucupirão já está pronto", foi ao ar em 11 de abril deste ano e começa atacando o presidente Lula:

Secretária - Vejam só com quem ele vem vindo?

Odorico - 20 bi? [resmungo algo incompreensível] 20 bi nas mãos de um indivíduo desapetrechado de quaisquer virtudes desmormentemente aquelas que são ligadas aos bons costumes e à moral (arroto).

Lula – Eu não estou preocupado se vão dar 30 milhões, parece que tudo se resume em dinheiro. Meu Deus do Céu! A Copa do Mundo aqui no Brasil é um encontro de civilizações causado pelo esporte. É mais do que dinheiro.

- Para frente, Sucupira!

Já fica subentendido que o sujeito “desapetrechado”, qualificado como destituído de virtudes morais, é o próprio Lula. Mais uma vez se vê a associação entre as falas de Odorico e do personagem da edição, como modo de vincular o que ambos falam.

Lula - A hora que for embora a Copa do Mundo, Deus queira que o Brasil ganhe, sabe, são milhares de pessoas que vêm para cá, para conhecer esse país, para comer a comida

desse país, para ver a gente desse país do jeito que eles são. Ninguém vai esconder ninguém.

Odorico – Isso é uma honra para Sucupira. Um acontecimento deverasmente um acontecimento.

Repórter fictício – E uma boa promoção, coronel...

Odorico – Talqualmente...

Repórter - Pois é, porque o senhor sabe que Sicupira é um lugar procurado por turistas...

Odorico – Turistas, veranistas, vagabundistas...

Repórter – Então o senhor acredita que um evento desses vai trazer gente de toda parte?

Lula – Ah, vai permitir que ele tome banho em Copacabana, que ele coma um frango breguet por Xapuí lá em Minas Gerais, [...] comer uma galinha com quiabo e saber como nós comemos.

Odorico – Precisamos providenciar uma grande publicidade em torno disso, imprensa, rádio... [...]

Repórter fictício – O único lugar em Sucupira que pode receber a multidão que eu tenho certeza vem para ver e aplaudir o nosso ídolo é o estádio municipal, o Sucupirão.

Odorico - oh, gente, mas no campo de futebol? Mas ele é artista ou é pelezista?

Nesse momento, as críticas se voltam para Pelé, com a entrada de sua sonora quando comentava a quarta morte de um operário na construção do Itaquarão, a dois meses do início da Copa.

Pelé – O que aconteceu no Itaquarão, o acidente, isso é normal, é coisa da vida, pode acontecer, foi um acidente, morreu. Isso aí não acredito que assusta

Odorico – E, você, depois disso, vê se cria juízo, vice?

O texto volta novamente para Lula, de modo a insinuar a dificuldade que ele, neste caso associado ao governo, estaria tendo em capitalizar politicamente o evento.

Lula – Eu estava lá com um monte de gente, tava o Pelé, todo mundo chorou. Depois de você construir isso, uma derrota e depois desconstruir a Copa do Mundo?

Dirceu Borboleta – Ah, porque está dando tudo errado, o senhor está dando tanto azar...

Odorico – Que azar! Vira essa boca de coruja agourenta para lá! Que azar! Que atitude negativista! (RÁDIO SUCUPIRA, CBN, 11/04/2014)

Considerações finais

A “Rádio Sucupira” não frauda o noticiário jornalístico, nem a obra ficcional de Dias Gomes, mas, conservando suas peculiaridades, cria uma terceira história a partir de um novo ato de fingimento. Esperamos ter mostrado aqui que o fato de o jornalismo possuir uma finalidade em última instância pragmática, designativa, não impede que também seja forma de conhecimento num nível conotado e que, por isso mesmo, requeira consciência sobre sua construção narrativa e sobre seu caráter interpretativo. Sua aproximação com a poética, com a criatividade, não lhe tira a capacidade de dizer algo do mundo, ao contrário. Ao dizer do mundo de modo diferente, pode dizer mais e melhor. Não adianta tentar descobrir o quão fiel ou não um texto é a uma referência real, mas perceber qual referência ele projeta sobre o

mundo. Outra grande vantagem desse tipo de construção criativa no jornalismo, e que se percebeu no caso da “Rádio Sucupira”, é que a ambiguidade dos significados implicada na conotação amplia suas possibilidades, abrindo espaço para múltiplas interpretações. Lembramos que assumimos aqui denotação e conotação a partir do princípio da metáfora de Ricoeur, ou seja, não como figura de linguagem, mas como “figura de sentido”, como uma operação linguística que não se encontra dentro do texto mas na relação dentro-fora dele.

Para encerrar essa reflexão, quero lembrar aqui a história do professor de História, André Luiz Ribeiro, que agora no final de junho quase morreu linchado no Balneário São José, bairro de São Paulo, ao ser confundido com um assaltante. André Luiz contou aos jornais que foi cercado por moradores e atacado. Com ascendência negra num país com tradição de perseguição de sua população negra, com o costume sistemático do falso reconhecimento, num país notoriamente violento, celeiro de justiceiros, capangas e grupos de extermínio e ainda por cima com a recente onda de linchamentos, o caso seria totalmente crível, seria mais um, não fosse um elemento que coloca em risco sua verossimilhança. Salvo pelo Corpo de Bombeiros, André Luiz relatou que foi obrigado por um bombeiro a dar uma aula sobre a Revolução Francesa para provar sua inocência.

O professor foi socorrido por bombeiros que passavam no local. Um deles, segundo Ribeiro, teria dito: "Se você é professor de História, então dá uma aula sobre Revolução Francesa."

- Falei que a França era o local onde o Antigo Regime manifestava mais força e que a burguesia comandou uma revolta junto com as causas populares, e que havia fases na Revolução. Falei por uns três minutos e perguntei se já estava bom. (O GLOBO ONLINE, 01/07/2014, s/p)

Então eu pergunto: onde se encontra a ficção senão na realidade?

Referências bibliográficas

- BEM AMADO (O). Verbetes. **Dicionário da TV Globo**. Vol. 1. RJ: Zahar, 2003, pp. 39-40.
- COSTA LIMA, Luiz. **História. Ficção. Literatura**. SP: Cia das Letras, 2006.
- COSTA LIMA, Luiz. **Mimese e modernidade**. Formas das sombras. RJ: Graal, 1990.
- FERNANDES, Edmilson. Entrevista à autora em 03/05/2013, por e-mail.
- GLOBO ONLINE (O). Professor ‘dá uma aula’ de Revolução Francesa para não ser linchado. 01/07/2014, online. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/professor-da-uma-aula-de-revolucao-francesa-para-nao-ser-linchado-13088092#ixzz375L25860>. Último acesso em 10/07/2014
- ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário**. Perspectivas de uma antropologia literária. RJ: Eduerj, 2013.
- MELLO, Ricardo Marques de. “Hayden White.” In: PARADA, Maurício (Org.). **Os historiadores clássicos da história**. De Ricoeur a Chartier. Vol. 3. RJ: PUCRJ, Vozes, 2014, pp. 178-201.
- RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. SP: Loyola, 2000a.
- RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**. Lisboa: Edições 70, 2000b.
- WHITE, Hayden. **Meta-história**. A imaginação histórica do século XIX. SP: Edusp, 2008.
- WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaio sobre a crítica da cultura**. SP: Edusp, 2001.

Material empírico:

A inflação está morta.

<http://cbn.globoradio.globo.com/colunas/radio-sucupira/2013/04/12/INFLACAO-ESTA-MORTA.htm#ixzz2VUIgUrC6>

Como estadista, coloco o esporte entre os primeiramente da minha administração.

<http://cbn.globoradio.globo.com/colunas/radio-sucupira/2013/05/31/COMO-ESTADISTA-COLOCO-O-ESPORTE-ENTRE-OS-PRIMEIRAMENTE-DAMINHA-ADMINISTRACAO.htm>

Sucupirão já está pronto para a Copa.

<http://cbn.globoradio.globo.com/colunas/radio-sucupira/2014/04/11/SUCUPIRAO-JA-ESTA-PRONTO-PARA-A-COPA.htm>

¹ Sobre esse tema, está sendo desenvolvida uma pesquisa na UFRJ pelo mestrando em Comunicação Filipe Macon Pereira Santos, sob a orientação do professor Muniz Sodré, com o título “O mal-estar do jornalismo - uma análise do conflito entre a imprensa e os sites de *fake news*.”

² Central Brasileira de Notícias (CBN) foi criada em 1991 e pertence às Organizações Globo. Possui quatro emissoras próprias e 30 afiliadas no Brasil.

³ Os dados do Ibope foram gentilmente informados pela Diretora Executiva de Jornalismo do Sistema Globo de Rádio, Mariza Tavares.